



ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: PERCEPÇÃO E DESAFIOS DAS FAMÍLIAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Deborah Evangelista de Jesus* (IC)¹, Isllana Santos Lisboa (IC)², Rosilene Antonio dos Santos (PQ)³, Sônia Bessa (PQ)⁴.

Universidade Estadual de Goiás.

Resumo: O presente estudo ocorreu durante o Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás –Campus Formosa. Tem como objetivo proporcionar uma reflexão acerca do Ensino Remoto Emergencial, a percepção e os desafios das famílias com relação ao ensino para a Educação Infantil em uma escola de município goiano e averiguar como os pais compreendem essa modalidade de ensino para crianças da educação infantil. Apoiou-se nos recursos de entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados referente a possíveis meios tecnológicos utilizados pelas famílias que pudessem cooperar para a continuidade do processo de ensino aprendizagem. As famílias demonstraram interesse em participar das aulas, mas uma grande parte não possui meios para fazê-lo, há dificuldades de acesso tanto a equipamentos tecnológicos quanto em conciliar o auxílio direto aos filhos e o trabalho. Dada à importância do tema, compreender o processo dessa modalidade de ensino contribui para a percepção da necessidade de políticas voltadas ao acesso à internet e a recursos tecnológicos que atendam as comunidades mais carentes pois o mundo pós-pandemia continuará a ter nesses recursos fontes de conhecimento e será uma realidade nas salas de aula.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial. Educação infantil. Família. Pandemia.

Introdução

A preocupação com a temática desta pesquisa iniciou-se durante as aulas de Estágio Supervisionado na Educação Infantil diante do novo cenário mundial ocasionado pela Pandemia do Covid – 19.

No Brasil, a busca por minimizar a crise sanitária resultou em padrões restritivos de convivência à população. As medidas necessárias para se evitar a disseminação e a contaminação pelo vírus foram a higienização constante das mãos e dos materiais individuais, o distanciamento social, quarentena e o uso de máscara.

¹ Estudante de Graduação do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – UNU Formosa-GO. Monitora da disciplina de estágio supervisionado e bolsista da UEG.

² Estudante de Graduação do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – UNU Formosa-GO

³ Docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – UNU Formosa-GO da disciplina de Estágio supervisionado

⁴ Docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – UNU Formosa-GO da disciplina de Estágio supervisionado.





Tais restrições, em especial o distanciamento social, impactou vários setores da sociedade, principalmente, a educação. (ARCAS, ARCAS e ROQUE, 2020).

De forma geral, a pandemia modificou a rotina de todos, principalmente, das escolas mediante atos governamentais. O ensino das creches, escolas e universidades tiveram suas atividades escolares presenciais suspensas, o que acabou atingindo milhões de estudantes em todo o país. Buscando dar continuidade ao ensino, o Governo Federal estabeleceu normas educacionais excepcionais por meio da lei 14.040. Para tanto, o Ensino Remoto Emergencial (ERE), modalidade mediada por (TICs), passa a vigorar em todo o país (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). E com ele os desafios advindos de implementá-lo sem planejamento prévio.

Desta maneira a Educação Infantil passou e ainda passa por momentos desafiadores, pois a interação presencial, o olhar, o toque e o colo são aspectos indissociáveis do próprio papel educacional com crianças pequenas (ABBUD, 2020). Mediante estudos abordados na psicologia do desenvolvimento o período escolar da Educação Infantil é apontado como uma das etapas mais importantes no processo de desenvolvimento da criança.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5(cinco) anos, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, LDB, 1996, Art.29).

Diante das intempéries da pandemia, o Ensino remoto emergencial (ERE) foi o meio encontrado para dar continuidade ao processo de ensino aprendizagem. De certa maneira foi a modalidade viável na situação em que o distanciamento social é indispensável para a saúde comunitária.

No entanto, na educação infantil, as interações sociais são substanciais no processo de ensino e aprendizagem, pois é nessa fase que a maioria das crianças deixa de relacionar-se apenas no seio familiar para compor outro meio social, a escola, e é neste meio com as trocas de experiências que elas começam a perceber o outro e a construir sua identidade como ser humano.





Durante a pandemia a aplicação do ensino remoto emergencial tornou-se um desafio pois ninguém estava preparado para essa modalidade, a mudança não foi opcional, mas, questão de segurança e saúde.

Para evitar o contágio coletivo uma das estratégias foi condicionar a continuidade das aulas, antes presenciais, por aulas mediadas por tecnologias digitais. Essa estratégia visou não prejudicar a aprendizagem e o ensino dos alunos, e frente à situação, inúmeras instituições escolares implantou o Ensino Remoto Emergencial, (HODGES, MOORE, et al., 2020). A modalidade de ensino, em questão, colocou professores e alunos em plataformas on-line.

Neste contexto, as famílias encontraram muitas dificuldades para a manutenção do ensino, oportunizando inclusive a evasão, pois, agora na modalidade on-line, aspectos socioeconômicos como o acesso à internet e o fato de que nem todos os professores e alunos possuem aparato computacional em suas residências que possibilitem estar on-line e realizar as atividades escolares de modo totalmente remoto evidenciaram ainda mais a desigualdade social no país. Os professores, da noite para o dia, precisaram se reinventar, desde o plano de ensino perpassando pelas aulas até a utilização das tecnologias do ensino remoto (GUEDES e RANGEL, 2021).

De acordo com (SOUZA e MIRANDA, 2021) As vidas de professores e estudantes foram impactadas por uma realidade de isolamento social, que expõe e intensifica as desigualdades sociais, além de sua fragilidade emocional. A pandemia afetou profundamente a vida das pessoas, influenciando as relações e atividades que deixarão marcas profundas na sociedade. O ensino remoto trouxe uma nova realidade para toda a sociedade, especialmente para estudantes e professores, que vivenciaram drástica mudança no ensino escolar em curto espaço de tempo.

Neste contexto, as famílias também foram afetadas, tendo que auxiliar diretamente as atividades de seus filhos, um desafio mútuo nesse complexo meio de ensino. Muitos não têm noção de como fazer isso corretamente.

O parecer do CNE nº.5/2020, aponta possíveis formas de se buscar interação e participação tendo as famílias como elemento principal na busca por um mínimo de desenvolvimento, já que este é constante. Na última etapa da educação infantil, a indicação é voltada para as atividades que contemplem a leitura pelos responsáveis,





brincadeiras, jogos, desenhos, músicas infantis e algumas atividades em meios digitais, se possível. (BRASIL, CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2020)

Diante deste novo panorama o CNE sugere que “as instituições de educação infantil possam elaborar orientações/sugestões aos pais ou responsáveis sobre atividades sistemáticas que possam ser realizadas com seus filhos em seus lares, durante o período de isolamento social.” (BRASIL, CNE, 2020, p.10).

Prevaleceu a crença de que o professor ao utilizar novos recursos junto à criança e seus familiares romperia barreiras anteriormente existentes, integrando estes à comunidade escolar, cuidando e educando para os novos tempos. Conforme mencionado esse novo comportamento proporcionaria aprendizado mútuo, por exemplo, ao longo dos processos de interações digitais, o resultado seria a construção eficiente de saberes coletivos, compartilhados e, dessa forma, todos os envolvidos no processo adquirem novos conhecimentos.

Preservar a rotina escolar, ainda que em casa, vai contribuir para a formação da criança, mais também para a continuidade do aprendizado quando a escola retomar as aulas presenciais. Esta precisa se manter viva e participativa na vida das crianças como lugar de saberes e vivências.

Nesse sentido conseguirá esse modelo de ensino suprir as necessidades dessa etapa da educação infantil? Portanto esse trabalho buscou reunir informações com o objetivo de responder ao seguinte problema: qual a percepção das famílias em relação ao ensino remoto emergencial para crianças pequenas em tempos de pandemia? Nessa perspectiva esse estudo tem por objetivo investigar a percepção dos pais em relação a essa modalidade de ensino para crianças da última etapa da educação infantil.

Material e Métodos

Essa pesquisa de natureza aplicada e descritiva apoiou-se nos recursos de entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados referente a possíveis meios tecnológicos utilizados pelas famílias que pudessem cooperar para a continuidade do processo de ensino aprendizagem.

Este trabalho aborda reflexões coletadas diretamente dos familiares de crianças da educação infantil, durante a entrega de material impresso na unidade





escolar situada em município goiano. Foi elaborado como instrumento de coleta de dados um questionário com 12(doze) perguntas claras e objetivas visando obter dados sobre a percepção dos pais quanto ao ensino remoto na educação infantil. A amostra foi constituída por 34 pais ou responsáveis por crianças da educação infantil.

O instrumento buscou avaliar entre outros aspectos, a percepção das famílias com relação a aplicação do Ensino Remoto Emergencial (ERE) para as crianças de 4 e 5 ano, observando como a escola buscou alcançar os estudantes dessa fase do ensino e descrever se havia suporte tecnológico e humano para a aplicação do que era proposto. Este questionário disponibilizado diretamente na escola do município goiano foi a ferramenta metodológica que norteou a pesquisa, sendo que sua elaboração visou discutir questões relativas à percepção das famílias quanto a implantação do Ensino Remoto Emergencial para crianças pequenas. O universo de pesquisa compreendeu 34 respostas obtidas pelos pesquisadores.

Resultados e Discussão

Para coleta de dados utilizou-se questões fechadas, buscando obter informações mais relevantes sobre a temática em estudo. Inicialmente para conhecer a média do grupo familiar dos entrevistados foram disponibilizados um campo para resposta indagando quantas pessoas residem com a criança. Do total de 34 entrevistados, 38% residem com 5 ou mais membros e 29% quatro membros. Assim verificou-se que mais de 60% dos participantes constitui-se de famílias com mais de quatro membros.

A Primeira questão a ser analisada diz respeito a percepção das dificuldades familiares sobre a assistência aos filhos: Como tem sido auxiliar os filhos no ensino remoto?

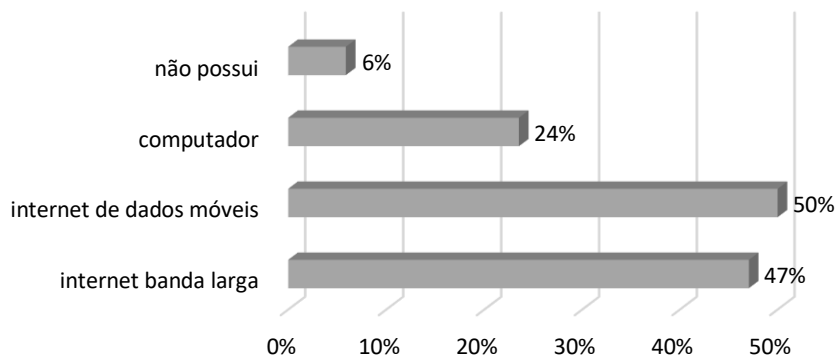
A maioria dos entrevistados, ou seja, 56% considerou difícil a realização das aulas remotas, seguida de 44% que considerou tranquilo a implementação do ensino nesses moldes. Com base nos dados apresentados percebe-se que mais da metade das famílias tiveram dificuldades em auxiliar os filhos nessa modalidade de ensino.

No que tange aos recursos tecnológicos disponíveis para a utilização nas aulas, foi feito o seguinte questionamento: Quais recursos tecnológicos dispõem para as aulas remotas?





Gráfico 2 -Recursos tecnológicos disponíveis para as aulas remotas.



fonte: Dados organizados pelas pesquisadoras.

De acordo com o Gráfico 2, apenas 24% possuem computador. 47% tem acesso à internet banda larga, seguido de 6% que não possui nenhum recurso tecnológico disponível. Com base nos dados apresentados percebe-se que muitas famílias não possuem suporte tecnológico adequado para o bom andamento das atividades remotas.

Com intuito de compreender a relação das crianças diante do novo modelo educacional, foi perguntado se as mesmas apresentaram resistência para realizar as atividades propostas? Pelos resultados constatou-se que 50% dos participantes alegaram que as crianças não apresentaram nenhum tipo de resistência a realização das atividades remotas e outros 24% apresentaram pouca resistência. Somente 1/3 dos participantes tiveram muita resistência em realizar as atividades encaminhadas pela escola. Questões como distração e falta de interação com os colegas podem influenciar nesse processo.

Foi indagado aos participantes quanto tempo as crianças dedicam-se para a realização das tarefas provenientes da escola, somente menos de 6% não realizam as atividades, pouco mais de ¼ dos participantes ficam até uma hora acompanhando os filhos nas atividades, mais da metade dos participantes dedicam até três horas diárias. Verifica-se que existe um esforço dos pais em participar das atividades e solicitar a participação das crianças.





Tabela 1 : Tempo dedicado as aulas diariamente.

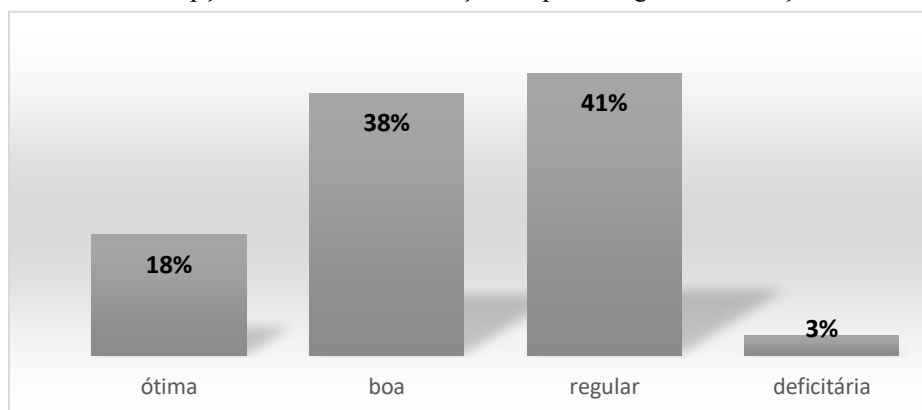
Tempo dedicado as atividades	Percentual
Não faz	5,8%
Até 1h	26,4%
Até 2h a 3h	52,9%
Mais de 3h	14,7%

fonte: Dados organizados pelas pesquisadoras.

A relação dos pais com a escola foi outro fator relevante relacionado a forma como a escola tem ofertado o material pedagógico para as aulas. Os pais sentem-se apoiados e acolhidos pela escola e todos os participantes tem recebido sistematicamente o material pedagógico impresso e orientações via aplicativo *WhatsApp*. Os pais destacaram a importância da escola permanecer aberta para orientar e atender os pais. A relação dos pais com os professores também foi apontada como muito boa por 41% dos pais e ótima para 59% dos participantes. Esse é um fator que predispõe os pais a participarem mais ativamente das propostas educacionais da escola.

A percepção sobre a aprendizagem dos filhos nessa modalidade de ensino, foi indagada e as respostas podem ser visualizadas no gráfico 4.

Gráfico 4: Percepção das famílias em relação a aprendizagem das crianças.



Fonte: Dados organizados pelas pesquisadoras.

A maioria dos entrevistados (56%) apontam que a aprendizagem foi ótima ou boa, sendo que 41% descreve o ensino como regular, ou seja, dentro das expectati-





vas. Com base nos dados apresentados percebe-se, na visão das famílias, que a maioria conseguiu construir, em algum grau, conhecimento, ainda que apresentassem desafios estruturais.

Quando indagados se permitiriam o retorno das crianças a unidade escolar no início do ano de 2021, ainda na pandemia, 76% disseram que não e 24 % permitiriam. No entanto quando questionados sobre o melhor momento para retornar 82 % responderam que só após a vacina. Assim, supõe-se que a necessidade de continuidade do ensino pode ser resolvida com a aplicação do ensino remoto emergencial em situações excepcionais se houver suporte humano e físico para tal.

Conforme Trautwein e Santos (2020), O ensino remoto emergencial (ERE) é temporário. Trata-se inegavelmente de um meio para dar continuidade ao ano letivo em tempos de crise sanitária. O autor esclarece que o objetivo de dar continuidade ao ano letivo por meio dessa modalidade mediado por tecnologia foi a solução encontrada pelas autoridades.

Conforme mencionado, o Ensino Remoto Emergencial é uma metodologia que difere do Ensino a distância, este possui características que lhes são próprias. Aquele propõe seguir os mesmos moldes do ensino presencial. Nesse cenário, vale destacar, que a mediação das TICs faz se indispensável.

Conforme explicado acima, ainda que os desafios sejam enormes, a continuidade do ensino mesmo que mediadas por TICs são importantes (ABBUD,2020, p.10) "[...] é fundamental, pois, o desenvolvimento e o tempo de aprendizagem são contínuos."

Conforme mencionado, as tecnologias da informação e comunicação (TICs) é um recurso necessário. No entanto, à pesquisa demonstrou ausência de estrutura tecnológica para o acompanhamento das aulas por grande parte das famílias.

Nesse contexto, a falta de suporte tecnológico pode interferir, por exemplo, no acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem, já que o acompanhamento pode não ocorrer como o planejado.

Por esse motivo, conforme Souza e Miranda (2021) salienta que a realidade socioeconômica pode ser um grande desafio para que os objetivos sejam alcançados,





pois as TICs não fazem parte do cotidiano das famílias brasileiras mais pobres. O que indica grande desafio: "[...] conseguir atingir os melhores resultados possíveis de aprendizagem dos alunos, como também, de chegar a todos os alunos de modo a não excluir nenhum deles" (MELO, MELO e SOUZA, 2020, p. 211).

Diante disso, é possível dizer que, embora o ensino remoto emergencial (ERE) seja a solução para dar continuidade as aulas, não é possível, entretanto, afirmar que o ensino vai chegar a todos os alunos com igualdade de condições. Muitas famílias não possuem acesso à internet e a recursos tecnológicos para contemplarem as aulas com qualidade, considerando ainda não ser esse o único dos fatores sociais que envolvem essa relação escola-família.

Considerações Finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como o Ensino Remoto Emergencial (ERE) está sendo ministrado em uma escola pública do território goiano, uma reflexão acerca dos desafios enfrentados pelas famílias em auxiliar as crianças nessa modalidade, além disso, também permitiu uma análise sobre as influências que as condições socioeconômicas têm no processo de ensino em uma pandemia.

De um modo geral, as famílias demonstraram interesse em participar das aulas, mas uma grande parte não possui meios para fazê-lo, há dificuldades de acesso tanto a equipamentos tecnológicos quanto em conciliar o auxílio direto aos filhos e o trabalho. A maioria das famílias utilizam como recursos apenas o telefone celular com dados móveis (3G/4G) e as apostilas ofertadas pela unidade escolar.

A maioria dos alunos demonstraram interesse pelo aulas e buscam fazer as atividades propostas, mesmo com todos os desafios que aulas remotas possuem. Diante das respostas das famílias, ficou evidente que os objetivos das aulas podem ser alcançados com efetividade por grande parte da turma, principalmente, quando a família se faz presente.

Dada à importância do tema, compreender o processo dessa modalidade de ensino contribui para a percepção da necessidade de políticas voltadas ao acesso à internet e a recursos tecnológicos que atendam as comunidades mais carentes pois o





mundo pós-pandemia continuará a ter nesses recursos fontes de conhecimento e será uma realidade nas salas de aula. Garantir a igualdade de condições é essencial para ter qualidade de ensino.

Nesse sentido, a utilização de tecnologias como recursos didáticos em casa permite as famílias auxiliarem os filhos nas atividades escolares em momentos que o distanciamento é necessário, assim, buscando garantir a continuidade do ensino e contribuindo para a estabilidade da educação.

Agradecimentos

UEG e ao povo brasileiro que com seus impostos financiam a universidade pública.

Referências

ABBUD, I. **escola, famílias e crianças continuidade e regularidade**. São Paulo: Biruta, 2020.

ARCAS, M. E.; ARCAS, N. M. R.; ROQUE, A. Aálise sobre os impactos da pandemia no Ensino Básico. In: LACERDA, T. E. D.; TADESCO, A. L. **Educação em tempos de COVID-19: desafios e possibilidades**. Curitiba: [s.n.], v. 2, 2020. Cap. 4, p. 20-30.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020**, Brasília, 18 ago 2020.

BRASIL, P. C. N. Parecer CNE/CP Nº5. **Ministério da Educação**, Brasília, 1º jun 2020.

GUEDES, D. S.; RANGEL, T. L. V. Ensino remoto e o ofício do professor em tempos de pandemia. In: SENHORAS, E. M. **Ensino Remoto e a Pandemia de COVID-19**. Boa Vista: IOLE, v. 89, 2021. Cap. 1, p. 15-38.

HODGES, C. et al. **A diferença entre ensino remoto emergencial e ensino a distância**. Tradução de Nathália Marcon. Manizales, Colômbia: [s.n.], 2020. 92-100 p.

MELO, L. V. D.; MELO, A. S. D. S.; SOUZA, T. S. D. Professores e das escolas públicas de cidades do interior do país. In: LACERDA, T. E. D.; TADESCO, A. L. **Educação em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades**. Curitiba: Bagai, 2020. p. 200-213.

SOUZA, D. G. D.; MIRANDA, J. C. Desafios da implementação do ensino remoto. In: SENHORAS, E. M. **Ensino Remoto e a pandemia de COVID-19**. Boa Vista: iole, v. 89, 2021. p. 39-54.

TRAUTWEIN, M. M.; SANTOS, A. D. O Ensino Remoto Emergencial - O desafio do docente. In: HOFFMANN, C. O. D. S.; BRITTES, ; ZANON, R. B. **EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE COVID-19 desafios e possibilidades**. 1ª. ed. Curitiba: BAGAI, v. I, 2020. Cap. 11, p. 264.

